

TAXIONOMIA DE TOPÔNIMOS: PROBLEMA SEM SOLUÇÃO? *

Vanderci de Andrade Aguilera
UEL

0. INTRODUÇÃO

A concepção tradicional dos estudos toponímicos envolvia a reflexão sobre a origem e a significação dos nomes geográficos numa perspectiva descritivista: a etimologia, a formação (afixos), sua recorrência, centrando-se, sobretudo, em aspectos puramente intralingüísticos. Ao se considerar uma taxionomia toponímica, importava a composição formal, ou seja, o seu significante, sem questionar outras relações de natureza extralingüística, como os contextos social, político e econômico, entre outros (Almeida, 1998).

O topônimo, entretanto, relaciona-se diretamente com os conceitos de homem e ambiente: é o homem quem denomina os acidentes geográficos que o rodeiam e certamente não o faz aleatoriamente, mas movido por alguma impressão sensorial e/ou sentimental que o acometa no momento da denominação. Pode chamar-lhe a atenção alguma particularidade intrínseca do terreno ou do acidente geográfico (altura, clima, cor, movimento) ou pode ser uma motivação externa ao ambiente, como a religião, a ideologia, até o estado de espírito ou a expectativa de um único indivíduo ou de seu grupo com relação àquele lugar, naquele momento.

*Parte desse artigo foi apresentada no XLVI Seminário do GEL, em São José do Rio Preto (UNESP-IBILCE), 1998, com a colaboração do aluno Alberto Luís Pugina, bolsista de IC/CPG, do curso de Letras da UEL. Deixo aqui registrados sua participação e meus agradecimentos.

É bem verdade que, em casos especiais, nem sempre foi o descobridor ou o dono da terra quem batizou o local. Como exemplo, segundo um dos topógrafos da Companhia de Terras do Norte do Paraná, nas décadas de 30 e 40 a empresa mantinha um funcionário encarregado de organizar uma lista de nomes para designar as inúmeras cidades que eram fundadas nos limites dos 515 mil alqueires de terra, originalmente de propriedade da Companhia Inglesa Paraná Plantation. E a motivação não vinha apenas do 'lugar' mas de fontes diversas, como a reverência a algum santo do hagiológico romano, a necessidade de perpetuar o nome de algum familiar ou benfeitor, a homenagem a uma personagem histórica, um nome indígena – homônimo do rio ou outro acidente já designado, um nome que parecesse eufônico àquele funcionário e até mesmo o resultado de buscas aleatórias numa enciclopédia.

Por outro lado, os fatores ambientais, principalmente os acidentes físicos como rios, montanhas, planícies, determinam o modo de vida do homem e o fazem manter a denominação original ou tentar renomear o lugar que habita.

A evidente relação dos conceitos Homem-Ambiente-Topônimo fez a Toponímia adquirir novos contornos: disciplina integral e dinâmica, passando a considerar os fatores sócio-históricos que teriam influenciado na escolha de determinado topônimo.

Para Salazar-Quijada, antropólogo e toponimista venezuelano, novos conhecimentos permitem definir a Toponímia como *"o estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos históricos, geográficos, econômicos, sócio-antropológicos e lingüísticos, que permitiram e permitem que um nome de lugar tenha origem e subsista."* (1985, p. 95).

Para esse pesquisador, a toponímia abre perspectivas para o conhecimento das características culturais dos homens que habitaram e habitam uma determinada região – os topônimos podem ser a única evidência da presença histórica

de grupos humanos em uma área geográfica. O topônimo é um *produto cultural que tem vida e, tal como o homem, desenvolve-se e dinamiza-se*, além de se constituir num bem patrimonial de qualquer país, pois é através dos designativos de lugares que uma nação obtém uma personalidade geográfica própria e se particulariza em relação aos demais países, constituindo-se numa fonte inesgotável para o acervo científico.

A Toponímia, como um ramo da Onomástica, encontra hoje um espaço bastante receptivo na área da Dialetoлогия e da Lexicologia com as quais mantém estreita relação. É o que se pode verificar na programação do mais recente congresso internacional na área, a X International Conference – Methods in Dialectology, realizado no Canadá, na cidade de St. John's, Newfoundland. Do referido programa constava uma seção de estudos toponímicos sobre diversas regiões do Canadá, dos Estados Unidos e da Inglaterra, tais como: *Examining the syntax of Newfoundland place-names*, de Robert Hollett, *Canadian Place names: linguistic corruptions*, de Lynn C. Hattendorf Westney e *Place-name evidence and regional varieties of English*, de Victor Watts.

No Brasil, há mais de vinte anos, pesquisadores da USP, aí se destacando a doutora Maria Vicentina do Amaral Dick, vêm se dedicando aos estudos para a elaboração dos Atlas Toponímicos de São Paulo e do Brasil.

Em Londrina, os primeiros contatos com a Toponímia deram-se no curso de Especialização em Língua Portuguesa, no ano de 1995, através da disciplina de Dialetoлогия e Sociolingüística, quando as primeiras monografias foram realizadas, motivando professores e alunos para a realização do *Atlas Toponímico do Paraná*¹.

¹O Projeto Pelos caminhos do Paraná: esboço de um Atlas Toponímico (ATEPAR) está sendo desenvolvido no Departamento de Letras Vernáculas, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Maria Antonieta Carbonari de Almeida.

Embora aparentemente simples, pesquisar os motivos da denominação de uma localidade é tarefa árdua e muitas vezes infrutífera devido à ausência de documentação da época que esclareça por que esse e não outro nome foi dado àquele local. Acrescente-se a isso que ao estudioso nem sempre é facultado o acesso às poucas fontes existentes. Por outro lado, se o toponimista pretende fazer uma análise de base quantitativa, para verificar o índice de recorrência de determinadas denominações, por exemplo, vai esbarrar em outro problema não menos crucial que é o da taxionomia.

Pretende-se, neste artigo, discutir algumas propostas taxionômicas, principalmente a de Salazar-Quijada (1985), a de Dick (1988) e a de Isquerdo (1992), e as dificuldades de enquadramento de certos topônimos nessas classes, bem como sugerir algumas saídas para o impasse que se instaura.

1. TAXIONOMIAS E SUAS DIFICULDADES

A proposta do toponimista venezuelano considera, na classificação do topônimo, cinco aspectos: a) os elementos; b) a extensão; c) a localização; d) a aplicação; e) os motivos.

Quanto aos motivos, aspecto que nos interessa neste momento, o nome de uma cidade ou de um acidente geográfico é estudado sob diferentes enfoques, e não apenas do ponto de vista etimológico. Surgem, então, diversos grupos de topônimos, como hagiopônimos, minerotopônimos, fisiotopônimos, hidrotopônimos, entre outros. Mas o próprio Salazar-Quijada admite que há topônimos de difícil catalogação, além de existirem no ato da denominação os mais variados motivos, dificultando, assim, a elaboração de uma taxionomia que abranja todos eles. Pondera, no entanto, que a taxionomia apresentada, apesar de ser apenas uma tentativa, permite catalogar grande parte dos topônimos venezuelanos.

Dick, autora do Projeto do Atlas Toponímico do Brasil e certamente a mais profícua pesquisadora na área, propõe

dois grupos de taxes: um de natureza física e outro de natureza antro-po-cultural. Dentre os primeiros, relaciona onze classes e no segundo relaciona dezesseis delas, ampliando em muito a proposta de Salazar-Quijada.

Proposta diferente é apresentada por Isquardo (1992): analisando os topônimos utilizados pelos seringueiros do Estado do Acre na nomeação de seringais, o faz a partir dos traços semânticos comuns entre eles. Para isso, trabalha com cinco campos semânticos agrupados em torno dos sintagmas: crença no futuro, nomes descritivos do ambiente, indicadores de origem, valorização da cultura regional e sentimento religioso. Sua proposta é explorar a carga semântica contida nos topônimos selecionados, destacando a relação entre escolha dos nomes dos seringais e o percurso histórico e as perspectivas do grupo. Mais sintética que as propostas de Salazar-Quijada e Dick, essa classificação envolveu a contento o acervo do *corpus* selecionado pela autora.

Trabalhos mais recentes, desenvolvidos na UEL, como o de Santos (1996), Lima (1997), Ramos (1997) e Francisquini (1998), entre outros, embora sob enfoques diversos, terminam por considerar incompletas as taxionomias por não darem conta dos topônimos em sua totalidade, tornando o trabalho do toponimista, muitas vezes, desconfortável pela impossibilidade de resolver todos os casos da denominação. A propósito, Santos, estudando cerca de seiscentos topônimos londrinenses, ao tratar dos antropotopônimos femininos, reconhece a dificuldade de *“desvendar o motivo da escolha de cada um, ainda porque atualmente os prenomes não têm mais relação de sentido com a etimologia primitiva. Praticamente todos os prenomes femininos estão designando lotes particulares, os quais não precisam passar por um projeto de lei, como acontece com os conjuntos habitacionais.”*

Outra dificuldade detectou Lima ao analisar os hagiopotônimos, isto é, os nomes de santos, na denominação de municípios paranaenses, tendo que recorrer a uma

interpretação mais detalhada do fato e reclassificando-os em *hagiotopônimos autênticos*, quando são topônimos de inspiração religiosa, respaldada por um padroeiro homônimo, e *hagiotopônimos aparentes* quando de inspiração política, isto é, cujo objetivo era homenagear pessoa relacionada aos fundadores e/ou personagens influentes. “*Como havia lei proibindo tais homenagens a pessoas vivas, essas eram camufladas por nome de santo*” (Lima, 1998), e exemplifica com o município de Santa Mariana, em que Mariana é o nome da esposa do fundador. Ainda na análise dos hagiotopônimos, Lima conclui que, para os estudos toponímicos, *o grande desafio está em interpretar os dados, porque muitas vezes as informações são claras, outras nem tanto* e o pesquisador, movido pela *vontade de ser fiel aos dados*, receia falsear a verdade se a ótica de sua análise estiver distorcida.

Mais recentemente, estudando a Toponímia do Norte Novíssimo Paranaense, Francisquini (1998) constatou que, naquela região, são mais produtivas as classes de antropotopônimos, hagiotopônimos e corotopônimos. Referindo-se aos antropotopônimos, afirma que na microrregião estudada – Norte Novíssimo do Paraná – poucos são *formações espontâneas*, isto é, oriundos de indicações como “a ilha onde vive a Sílvia”, ou outras denominações que lembram habitantes do local. *Ao contrário, o topônimo antroponímico tem caráter voluntário e sua designação é influenciada maciçamente pelo antigo ou atual proprietário da terra; e, em segundo plano, pelos governantes municipais; pelo topógrafo que demarcou a área na época da colonização e pelos moradores do bairro.*

Para sua dissertação de mestrado, Francisquini, além da pesquisa bibliográfica, buscou recuperar *in loco*, através de entrevistas com os denominadores e seus filhos ainda radicados na região, a motivação de cada topônimo. Isso se tornou possível por se tratar de uma microrregião bastante jovem, com pouco mais de meio século. É importante registrar

que, seguindo essa metodologia, a autora não conseguiu classificar apenas dois dos setecentos e trinta topônimos analisados: Pirnes, em Paranavaí, e Aridam, em Tamboara.

Quando se analisam as dificuldades de classificação dos nomes de lugar, chega-se à natureza dessas dificuldades que podem se situar nos níveis:

- a) morfológico, no tratamento dos nomes compostos;
- b) semântico, quando se pretende interpretar semiótica ou sociolingüisticamente o nome em questão, atendendo a um dos objetivos da Toponímia que é o de identificar os padrões motivadores e a categorização semântica dos topônimos em geral;
- c) formal, em particular da homonímia, atribuição de um único nome a topos de natureza diversa: rio, montanha, distrito, cidade;
- d) taxionômico, isto é, não existe entre as propostas já estabelecidas uma taxa especial para determinados nomes de lugar.

Quanto aos nomes compostos, Dick estabelece a classificação a partir do primeiro elemento. No entanto, se se busca o auxílio de outras disciplinas ou outras fontes de conhecimento (História Social, História Oral, Geografia Humana, Mitologia, Folclore, Política, entre outras), a motivação e a intenção do motivador vêm à tona e o trabalho de classificação deve ceder a esses parâmetros. É o caso de Porto Natal, Barra do Jacaré e Quatro Barras, no Paraná. Em vez de se focalizar apenas o primeiro elemento, considera-se relevante uma discussão mais ampla para se definir se o nome composto deve ser enquadrado com base na análise da estrutura morfológica, isto é, classificando-se pelo primeiro ou pelo segundo elemento aleatoriamente; ou através de uma análise sociosemiótica que verifique qual dos elementos teria maior peso semântico no ato da nomeação. Outra sugestão seria propor uma taxa especial que contemplasse todos os elementos do nome (Lima, 1998) e então teríamos

taxionomias do tipo geomorfo-hagiotopônimo (para Porto Natal), geomorfozootopônimo (para Barra do Jacaré) e numerogeotopônimo (para Quatro Barras). Um caso interessante, analisado por Lima (1998, p. 4), merece ser aqui citado, como Rosário do Ivaí, classificado pela autora como hierofitotopônimo, porque:

... segundo dados históricos, na região havia em quantidade uma planta conhecida por lágrima-de-nossa-senhora, biurá, ou lágrima-de-santa-maria, cujos frutos quando maduros, tornam-se muito duros e são utilizados para a fabricação caseira de terços. Esse fato, associado à religiosidade dos colonizadores, fez com que o nome escolhido para a localidade fosse Rosário. O complemento do Ivaí homenageia o rio que banha o município. Assim, nessa classificação composta estariam contemplados todos os elementos do vocábulo.

Uma outra estratégia é deixar de lado a posição dos componentes no sintagma e centrar a classificação no elemento mais significativo do ponto de vista sócio-histórico, o que muitas vezes revelaria a 'preferência' do pesquisador ou até mesmo uma visão impressionista quando faltarem documentos para a análise.

Por isso, discute-se ainda na equipe do ATEPAR a classificação dos nomes de municípios como Boa Vista da Aparecida, Canta-Galo, Céu Azul, Dois Vizinhos, Formosa do Oeste, Foz do Iguaçu, Nova Aurora, Pérola do Oeste e Santa Helena, entre outros.

Quanto às dificuldades de ordem semântica na identificação dos padrões motivadores, quando o nome não deixa transparecer a motivação, há que se recorrer à pesquisa *in loco*, às informações de moradores antigos ou pioneiros, como fez Francisquini (1998). Neste grupo, incluímos

Medianeira, Palotina, Matelândia, Ibema, que foram reclassificados como hagiopônimos, os dois primeiros, devido à homenagem à Nossa Senhora de Medianeira e à Ordem Religiosa de Vicente Palotti, respectivamente. Quanto à Matelândia, embora à primeira vista pareça referir-se à erva-mate, abundante na região, na realidade é um antropotônimo, uma homenagem à família Matte. Finalmente Ibema, que à primeira vista lembra um tupinismo, na realidade é a sigla de uma empresa local, Indústria Brasileira de Madeiras S/A, passando então à classe dos acronimotônimos.

No caso dos homônimos, normalmente há um nome comum para o acidente físico (AF) e o acidente humano (AH). No Paraná é muito freqüente a reiteração do nome do rio na denominação de cidades, vilas ou povoados cortados por ele, como Cambé, Apucarana, Tibagi (rios e municípios) e os pesquisadores mencionados optaram por classificar primeiramente o AF, sobretudo os cursos d'água, considerando o fator cronológico, isto é, a sua anterioridade em relação ao acidente humano, e posteriormente classificar o AH, como corotônimo por homenagear aquele acidente.

2. PROPOSTAS DE SOLUÇÃO

Quando se discute a taxionomia, é evidente que o primeiro passo é recuperar a motivação do denominador. No caso do Paraná, em que a maioria das cidades tem menos de cem anos de fundação, aparentemente a tarefa é fácil pela possibilidade de ainda se localizarem alguns dos pioneiros capazes de reconstituir o momento histórico. Com exceção de poucos macrotônimos, muitos microtônimos ainda resistem à classificação canônica, seja pela ausência de uma taxa, seja pela etimologia obscura, ou pela inadequação parcial no encaixe do elemento à classe.

Para o primeiro caso, isto é, não havendo na proposta de Dick ou Salazar-Quijada uma taxa específica, a equipe do

ATEPAR propôs novas classificações, recorrendo a raízes gregas, como: *acronimotopônimos* – quando o nome é formado através do processo da siglagem, como Cianorte; *necrotopônimos* – quando se referem ao campo semântico da morte, ou atos fúnebres, como rio Caveira; *grafematopônimos* – quando representado por letras, por exemplo, Seção C; *estematotopônimo* – quando o nome evoca impressões sensoriais, ou se refere aos cinco sentidos, como Água Morna, Água Doce; e *higietopônimos* – quando se refere à limpeza, à saúde e ao bem estar físico, como Água Limpa.

No segundo caso – da etimologia obscura – , por se tratar de um signo opaco, na terminologia de Alinei (apud Isquerdo, 1992), ainda não foi possível classificar, entre outros: Morro do Bim, rio Muchulu, rio Sununum, uma vez que a maioria não consta dos dicionários. Mesmo quando formas aproximadas estão dicionarizadas, pouco esclarecem sobre o termo procurado. Para esses casos, nem mesmo a pesquisa *in loco* esclareceu a motivação.

Quanto à inadequação parcial no encaixe do elemento à classe, registram-se, entre outros, Lindoeste, Nova Aurora e rio Ampere (também município homônimo). Lindoeste é um topônimo composto por aglutinação *linda* + *oeste*. Nesse caso, desmembram-se os elementos e adota-se o mesmo critério dos compostos? Com relação a Nova Aurora, seria uma homenagem à alguma pessoa da família do fundador ou referência às primeiras horas do dia? Rio Ampere, referência à energia elétrica, como classificar? Curioso também é o caso do rio e cidade Pranchita, em que Pranchita, segundo a história local, seria o nome da filha do fundador e que, na fala popular, mudou o encontro consonantal /pl/ para /pr/. Finalmente, com relação a Sertanópolis, cidade natal da autora: trata-se de um fitotopônimo, por homenagear o sertão como sinônimo de floresta (na mesma época e pela mesma companhia colonizadora foi fundada Florestópolis), ou refere-se a um lugar ermo, distante da cidade, o contrário de civilização?

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode observar, o elenco de topônimos paranaenses referente aos acidentes físicos e humanos oferece dificuldades de enquadramento nas taxes propostas, apesar da existência de duas propostas mais específicas de classificação dos topônimos, a de Salazar-Quijada e de Dick. Boa parte do universo a ser investigado fica fora de ambas, não obstante a utilização de metodologias diversas, além da pesquisa direta e indireta, tais como consulta a dados históricos, geográficos, etimológicos, folclóricos, entre outros.

Como um dos principais objetivos dos estudos toponímicos do Paraná é a elaboração de um atlas toponímico, a discussão da taxionomia torna-se pertinente na medida em que a classificação deve obedecer a um só padrão de cartas toponímicas. E como obter cartas mais homogêneas quanto à taxionomia?

Resolve-se o impasse dos topônimos formados por lexias compostas ou complexas com a classificação baseada no elemento socio-historicamente predominante ou em ambos os elementos, conforme cada caso analisado. Apela-se para a criação de novas taxes, quando as já estabelecidas não forem satisfatórias, como se fez com os acronimotopônimos, os estematotopônimos, os necrotopônimos, os hígietopônimos e os grafematopônimos.

Os pesquisadores do projeto ATEPAR, já mencionados, trouxeram contribuição significativa, avançando nas propostas iniciais de Salazar-Quijada e Dick. Mas, na maioria dos casos, tendo-se consciência da complexidade e do emaranhado *do tecido que se pretende delimitar*, acredita-se que somente a pesquisa *in loco*, com a investigação de documentos públicos e/ou particulares, a entrevista com moradores antigos e/ou pioneiros (quando possível), como procedeu Francisquini (1998), irá – se não eliminar – ao menos diminuir o número de topônimos sem classificação ou de classificação ambígua.

A experiência do grupo do ATEPAR, nesses três anos de estudos, demonstrou que desvendar a história da denominação de cada um dos topônimos e revelar a intenção do denominador podem lançar luzes à tarefa de classificação, mas para este trabalho devem concorrer outras ciências auxiliares como a antropologia, a sociologia, a história oral e o folclore local ou regional.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maria Antonieta Carbonari de. *A Toponímia paranaense – O Projeto ATEPAR*. Comunicação apresentada no XXIIe. Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes. Brussels : 1998.
- DICK, Maria Vicentina de Paulo do Amaral. *A Motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxonômicos*. Tese de doutoramento. USP , maio de 1980.
- _____. *A Motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo : Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990a.
- _____. *Toponímia e antropotoponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo : Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1990b.
- _____. *A Documentação toponímica*. Anais do XXXIX Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de S. Paulo / GEL. Franca, UNIFRAN, junho 1991.
- _____. *Aspectos descritivos do Atlas Toponímico do Estado de São Paulo*. Anais da 44.^a Reunião Anual do SBPC. São Paulo USP, 1992a.
- _____. *A Documentação em Toponímia*. Anais do XL Seminário do Gel. Jaú, 1992b.
- FRANCISQUINI, Ignez. *O Nome e o lugar: uma proposta de classificação da região de Paranaíba*. Londrina : UEL, Dissertação (Mestrado), 1998.

- ISQUERDO, Aparecida Negri. *Léxico específico: uma abordagem sócio-etnolingüística. A Toponímia: uma forma de representação da cultura.* Anais do GEL. Jaú, 1992. p. 44-51.
- LIMA, Ivone Alves de. *A Motivação religiosa nos topônimos paranaenses.* Comunicação apresentada no XLVI Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. UNESP – São José do Rio Preto – SP, 1998.
- RAMOS, João Antonio Leite. *A Influência indígena na Toponímia do Paraná.* Comunicação apresentada no XLVI Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. UNESP – São José do Rio Preto – SP, 1998.
- SALAZAR-QUIIJADA, Adolfo. *La Toponímia em Venezuela.* Caracas : Universidade Central de Venezuela, 1985.
- SANTOS, Célia Dias dos. *Topônimos londrinenses: uma proposta taxionômica com base no motivo da denominação.* Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Língua Portuguesa. Londrina : UEL, 1996.